

DEUS NÃO
JOGA DADOS
e outros contos

© 2020 ANDRÉ DIAS CAVALCANTI

© 2020 EDITORA TREVO

EDIÇÃO WELLINGTON SOUZA
PRODUÇÃO EDITORIAL KALYNE VIEIRA
CAPA BRANDA ROCHWERGER
PROJETO GRÁFICO WELLSOUZA.ART
DIAGRAMAÇÃO DESIGN TREVO
REVISÃO RONALD POLITO
ILUSTRAÇÃO NEUSA CALLADO SOUZA

1ª EDIÇÃO . NOVEMBRO DE 2020

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO DA PUBLICAÇÃO CIP

C376D CAVALCANTI, ANDRÉ DIAS.

DEUS NÃO JOGA DADOS E OUTROS CONTOS / ANDRÉ DIAS CAVALCANTI. –
I. ED. – SÃO PAULO : EDITORA TREVO, 2020.
166 P.; 16X23.

978 65 58510 05 5

I. CONTOS. 2. COTIDIANO. 3. LITERATURA BRASILEIRA. I. TÍTULO.
II. ASSUNTO. III. CAVALCANTI, ANDRÉ DIAS

CDD B869.93
CDU 82-34(81)

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. LITERATURA BRASILEIRA: CONTO.
2. LITERATURA: CONTO (BRASIL).

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO BIBLIOTECÁRIO PEDRO ANIZIO GOMES CRB-8 8846

TODOS OS DIREITOS DESTA EDIÇÃO SÃO RESERVADO À EDITORA TREVO.

compre livros | publique aqui
atendimento@editoratrevo.com.br
+55 11 99225 1294
editoratrevo.com.br

   @editoratrevo

Rua Delmar Soares, 65
São Paulo.SP

DEUS NÃO JOGA DADOS

e outros contos



André Dias Cavalcanti



1ª EDIÇÃO, 2020
SÃO PAULO



Se for possível que um pequeno livro de contos possa servir como uma forma de homenagem, essa homenagem eu dedico ao meu amigo Bibó (Sidney Augusto Vieira Filho), certamente uma das pessoas mais admiráveis que eu conheci em toda a minha vida (e que aparece em um dos contos deste livro).

Dedico-o também à minha mãe, alma singular, com a certeza de que o universo precisaria de ao menos mais quatro bilhões de anos para produzir outra mãe como ela.

Este livro é também para a minha esposa, Mariana, prosa dos meus dias e poesia da minha vida.



O conto “Quarenta e um graus” foi inspirado em algumas das ideias do filósofo alemão Arthur Schopenhauer.



Agradeço a todos os amigos que leram as histórias deste livro quando elas ainda estavam em elaboração: Bibó, Lorryne, Tukoff, Fernando, Tarsis, Amauri, Ana, Gilberto e minha sobrinha Laís.

Agradeço ao Kalil, meu filho, por escutar paciente e atentamente a leitura das histórias e por ser a fonte de inspiração de algumas delas.

A bela imagem do beija-flor utilizada no livro foi gentilmente cedida por Neusa Callado Souza, uma artista de noventa e nove anos que continua a fazer arte e a colorir o mundo. Essa imagem me pareceu tão bela que me fez supor que se trata de um autorretrato da alma da artista. Agradeço enormemente pela gentileza.

Um agradecimento especial a Branda Rochwerger por ter preparado uma linda capa para o livro.



13 PREFÁCIO

PARTE I : HISTÓRIAS PARA LER À NOITE

17 DEUS NÃO JOGA DADOS
37 A ASSEMBLEIA DAS PALAVRAS
43 QUARENTA E UM GRAUS
55 QUATRO CHARRUAS
65 JOSÉ
77 A MELHOR MORTE
91 TEMPESTADE EM COPO D'ÁGUA
99 AMORTAL

PARTE II : HISTÓRIAS PARA LER À TARDE

113 RECEITA PRA ISPANTÁ O MEDO
117 RECEITA PRA ISPANTÁ A IGNORANÇA
121 RECEITA PRA ISPANTÁ A PRIGUIÇA
125 RECEITA PRA ISPANTÁ A TRISTEZA

PARTE III : HISTÓRIAS PARA LER DE MANHÃ

131 A PALAVRA MAIS BELA
135 O SECADOR DE CABELOS
139 PIPOCA
143 O CARREGADOR DE PIANOS
151 PROCURANDO UMA CRÔNICA
155 O ANARQUISMO LÚDICO



PREFÁCIO

Escrever contos é como pescar em alto-mar. Em dias de sorte, jogamos a rede e pegamos alguns peixes. No entanto, é impossível saber quais peixes iremos pegar. Pegamos somente aqueles que se encontravam no momento e no local em que lançamos a rede. Tal como os pescadores que reúnem seus peixes para levá-los a uma feira, os contos foram reunidos em um livro para serem ofertados ao leitor. Em meio a tantos peixes na feira, alguns realmente maravilhosos, também queremos que os nossos peixes sejam escolhidos pelo leitor e que sejam degustados em uma saborosa refeição. Indo um pouco mais além, é nosso desejo que esses peixes alimentem também o espírito do leitor. Por isso fomos à pescaria, por isso reunimos todos eles. Esses peixes agora vos pertencem.



PARTE I

HISTÓRIAS
PARA LER
À NOITE



DEUS NÃO JOGA DADOS

A vida sempre foi governada por eventos aleatórios. Apesar de não ocorrerem com tanta frequência, quando surgem, costumam ser decisivos. São capazes de criar uma reviravolta em nossos planos e em nossas vidas. Os romanos acreditavam que uma deusa chamada Fortuna caminhava de olhos fechados trazendo nos braços um grande vaso do qual retirava dádivas e desgraças e as distribuía aleatoriamente para quem estivesse em seu caminho. As dádivas poderiam ser riqueza, saúde ou amigos. As desgraças costumavam ser pobreza, doenças ou solidão. Sêneca, sábio conselheiro do imperador romano, aconselhava meditarmos logo ao acordar. Nessa meditação, deveríamos pensar no pior que poderia nos acontecer ao longo do dia.

Bastaria apenas que umas poucas circunstâncias que moldaram a minha vida não tivessem acontecido para que eu não estivesse aqui, agora, trancado nesta minúscula cela, escrevendo esta história. Poderia ter sido uma pessoa muito diferente daquela que me tornei, mas acontecimentos guiados pela mão do acaso fizeram com que eu me tornasse o que sou.

Uma frase ouvida ainda na infância, por alguma misteriosa razão, causou-me tal impressão que me pus a refletir sobre ela por muitos anos: “Deus não joga dados”. Inicialmente, tentei compreendê-la. Em seguida, busquei aceitá-la e justificá-la. Ao refletir sobre ela, mudei de perspectiva várias vezes desejando que ela viesse a se tornar uma verdade para mim. Contudo, ao confrontá-la com o mundo à minha volta e com os fatos que me sucediam, não encontrei nenhuma correspondência com a realidade.

Enquanto examinava o desenrolar da minha vida, percebi que até mesmo a minha vontade, que eu acreditava ser a força diretriz da minha vida, efetivamente, havia sido moldada pelas circunstâncias que me cercava, assim como um cão é levado através de uma coleira para onde seu dono bem entende. Tais circunstâncias, não raras vezes, surgiam do mais puro acaso.

A verdade é que não somos tão livres quanto pensamos. Nossas escolhas são determinadas pela nossa vontade e por nossa razão.

Contudo, o que desejamos depende do que somos. Quem esclareceu esse ponto obscuro e fundamental da nossa existência foi o filósofo Schopenhauer quando afirmou: “Podes, de fato, fazer o que queres, mas não podes querer senão uma coisa precisa e uma só, com exclusão de todas as outras”. Pensamos ser livres, mas não podemos ser outra pessoa além daquela que nos tornamos e nos é vedado querer outra coisa diferente daquilo que todo o nosso ser almeja.

Deixe-me te contar a minha história e você verá por si mesmo se tudo isso tem algum sentido. Sente-se confortavelmente na sua poltrona ou em sua cama, acompanhe-me tendo nas mãos uma xícara de chá ou de café, o que você preferir. Ao final, espero, você verá como fatores imponderáveis e fora do nosso controle podem interferir em nossas vidas.

Encontro-me isolado em uma pequena cela que possui apenas uma cama, uma mesa e uma cadeira. Sobre a mesa, há apenas uma jarra de água, folhas de papel em branco e um lápis. É pouco o que tenho disponível no momento, mas pretendo utilizá-lo da melhor forma possível. Tenho muito tempo disponível para contar esta história, mas não pretendo me alongar mais do que o estritamente necessário. Aprendi com o meu avô que o tempo é precioso. Não quero ser acusado de subtrair o tempo alheio.

Voltemos ao ano mil novecentos e vinte e seis, quando a Europa ainda se reconstruía de sua última grande guerra. Venha comigo até uma pequena rua do centro de Varsóvia, capital da Polônia. Era ali que meu avô, Jan Mickiewicz, possuía sua relojoaria. Meu avô fabricava relógios de bolso. Esses pequenos objetos, apesar de estarem em desuso ultimamente, já foram considerados joias altamente apreciadas pelas pessoas mais cultas e ricas de uma época gloriosa. Meu avô escolheu esse ofício por amar a perfeição e a precisão. Para ele, o tempo governava o mundo e saber administrá-lo era um requisito fundamental para controlar a própria vida. Gostava de calcular a duração da própria vida em segundos. Acreditava que dessa forma poderia usufruir melhor cada um deles.

Para o meu avô, cada segundo era como uma gota de um líquido vital que garantia nossa existência. Desde que viu o primeiro relógio, ficou fascinado com esse objeto. Criou um verdadeiro amor por eles. Após passar vários anos como aprendiz de outro grande

relojoeiro, decidiu abrir sua própria oficina. Meu avô considerava cada relógio uma obra de arte e punha o máximo de esmero em sua fabricação. Seus relógios eram os mais precisos, bonitos e sofisticados da Polônia. As peças de maior valor eram feitas em ouro e prata. Naquela época, possuir um relógio da marca Mickiewicz era um sinal de distinção social. Os relógios Mickiewicz eram conhecidos em toda a Europa. Toda a aristocracia polonesa possuía exemplares dos relógios fabricados pelo meu avô. Eram vendidos nas principais capitais europeias.

A mesma precisão que o meu avô conferia aos seus relógios, ele adotava em sua vida. Os prazos de entrega eram cumpridos com exatidão. Ele sempre dispensava seus funcionários e fechava sua oficina às sete da noite, nenhum minuto a mais, nenhum a menos. Um único dia em que não seguiu sua própria rotina, devido ao atraso de um cliente, quase lhe custou a vida. De certa forma, eu só vim ao mundo graças ao que aconteceu naquele dia. Após a saída desse cliente, um próspero empresário que queria presentear o filho, meu avô fechou sua oficina às sete e vinte e cinco. Todos os funcionários já haviam deixado a oficina quando, após girar a chave da porta e se certificar de que ela estava mesmo fechada, foi surpreendido por dois ladrões que espreitavam sua saída. Foi atingido na cabeça por um golpe com um objeto contundente e caiu desmaiado. Os ladrões levaram boa parte dos relógios e instrumentos que possuía.

Ele foi encontrado no dia seguinte, ainda desacordado, amarrado no fundo da loja. Foi levado a um hospital e ficou internado por dois meses. Havia sofrido um leve afundamento na parte posterior do crânio que causou uma inflamação em seu cérebro. Durante o tempo em que esteve internado no hospital, ficou aos cuidados de uma enfermeira portuguesa, delicada e cuidadosa. À medida que o tratamento evoluía, eles iam se conhecendo melhor.

Após receber alta e voltar à rotina de trabalho, convidou essa enfermeira para conhecer sua produção de relógios. Com grande paciência, mostrou a ela como cada uma daquelas minúsculas peças era desenhada, confeccionada e como se encaixavam umas nas outras com perfeição. A medida do tempo tinha um aspecto misterioso, pois o que era medido nunca podia ser tocado, visto,

cheirado ou pesado. Engrenagens minúsculas, precisas e perfeitas realizavam essa mágica com simplicidade. O tempo não possuía uma realidade física palpável, era uma arbitrariedade do espírito humano. Ao mesmo tempo, a sociedade humana estava intrinsecamente ligada a ele. Esse paradoxo acerca do tempo era o que ele mais admirava. O cuidado com o qual manipulava aquelas peças e discorria sobre o mistério em torno da natureza do tempo seduziu aquela delicada enfermeira. Depois daquela visita à oficina, foram jantar juntos, descobriram que se queriam, começaram a se encontrar com frequência e meu avô a pediu em casamento.

Depois de um certo tempo investigando aquele assalto, a polícia finalmente descobriu a identidade de um dos ladrões. Era um sobrinho do meu avô que havia começado a aprender o ofício de relojoeiro com ele, mas que havia sido expulso da oficina por haver desviado alguns relógios. Os ladrões foram presos e poderiam ser sentenciados a oito anos de prisão. Parte dos objetos roubados foi recuperada. A irmã do meu avô foi procurá-lo para pedir que ele retirasse a queixa contra o filho dela.

– Eu lhe imploro, meu irmão, retire esta queixa ou meu filho terá sua vida perdida.

– Esse canalha quase acabou com a minha vida. Eu lhe ensinei um ofício e ele furtava meus relógios. Sempre foi indolente, desleixado e preguiçoso. Tentei dar uma oportunidade para ele se tornar um homem. E o que eu recebi em troca? Traição, covardia, deslealdade. Armou uma emboscada e quase me matou para me roubar. O seu filho é um cretino irrecuperável. Como você pode vir aqui me pedir isso?

– Por favor, dê a ele uma outra oportunidade. Apenas retire a queixa. Se você não retirar essa queixa, ele acabará morrendo na prisão ou se tornará um criminoso lá dentro.

– Ele já é um criminoso e deve pagar por seu crime. Atentou contra a vida do próprio tio que lhe deu horas e horas de sua vida para que aprendesse um ofício. Gastei uma boa parte do meu tempo para ensinar-lhe uma arte digna de grandes mestres. Ele desprezou tudo isso e, por pouco, não acabou com a minha vida.

– Esta é a última vez que eu te peço. Tenha compaixão. Nós somos da mesma família, temos o mesmo sangue.